



Coletânea de textos literários de estudantes da UFGD

Coletânea de textos literários de estudantes da UFGD

Adriano Pacheco Dos Santos
Ana Maria Francisca de Souza
Andressa Maria de Oliveira Queiroz
Claudia Camili Molinari Cabreira
Clevertton do Carmo Arruda
Isaque Pereira Silva
Joana D'arc Santana Cardoso Aroca Galves
Marcos Vinicius Rodrigues
Maria Eduarda Fiorini
Ricardo Pinheiro da Silva
Sandra Maria Aparecida Souza Santos de Matos
Viktória Lima Santos de Almeida
Vinicius Mateus Arcanjo da Silva



2025



Universidade Federal da Grande Dourados Editora da UFGD

Equipe

Coordenação Editorial

Marise Massen Frainer | Programadora Visual

Divisão Administrativa

Rafael Todescato Cavalheiro | Assit. Admin. | Chefe da Divisão
Thais Gomes de Souza | T.A.E.

Gabriel Brandão de Azambuja Menezes Cavalheiro | Estagiário

Divisão Editorial

Programação Visual, Revisão e normalização bibliográfica
Cynara Almeida Amaral Piruk | Revisora | Chefe da Divisão
Maurício Lavarda do Nascimento | Programador Visual
Branner de Castro Lacerda | Programador Visual

e-mail: editora@ufgd.edu.br

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca Central UFGD

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP).

C694	<p>Coletânea de textos literários de estudantes da UFGD. / Adriano Pacheco dos Santos ... [et al.]. – Dourados, MS : EDUFGD, 2025.</p> <p>(Coleção Comemorativa aos 20 anos da UFGD; v.2.) E-book (pdf). ISBN: 978-85-8147-215-7</p> <p>1. Conto. 2. Crônica. 3. Poema. I. Santos, Adriano Pacheco dos. II. Título.</p>
------	---

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca Central – UFGD.

©Todos os direitos reservados. Permitida a publicação parcial desde que citada a fonte.



CONSELHO EDITORIAL

Marise Massen Frainer

Presidente

Cláudia Gonçalves de Lima

Vice-Reitora

Maria Aparecida Farias de Souza Nogueira (Titular)

Marisa de Fátima Lomba de Farias (Suplente)

**Representante da Câmara de Ensino
de Pós-Graduação e de Pesquisa**

Emilia Alonso Balthazar (Titular)

Narciso Bastos Gomes (Suplente)

Representante da Câmara de Ensino de Graduação

Thissiane Fioreto (Titular)

Alzira Salete Menegat (Suplente)

Representante da Câmara de Extensão e Cultura

Fernando Perli (Titular)

Victor Hugo Rodrigues de Souza (Suplente)

Representante do Conselho Universitário

Eliane Souza de Carvalho

Representante da Comunidade Externa

Diagramação: Editora Educação Literária

Impressão: Gráfica CS LTDA





SUMÁRIO

- 7** **Apresentação**
Marise Massen Frainer
Coordenadora Editorial
- CRÔNICAS**
- 9** **Autorretrato**
Victória Lima Santos de Almeida
- 14** **Cicatrizes de outono**
Joana D'arc Santana
Cardoso Aroca Galves
- 20** **Corpos ocultos**
Andressa Maria de
Oliveira Queiroz
- 33** **A angústia está por**
toda parte...
Ricardo Pinheiro da Silva
- 38** **Sapere aude**
Marcos Vinicius Rodrigues
- 40** **Tem safadeza na Língua**
Adriano Pacheco dos Santos
- 43** **Das Raízes à**
Universidade: Uma
Jornada de Perseverança
Sandra Maria Aparecida
Souza Santos de Matos



57

O Telefone da FALE*Isaque Pereira Silva*

65

**Reescrevendo o Futuro:
A Jornada de Cauã***Cleverton do Carmo Arruda***POEMAS**

75

Essa mania de pensar*Vinicius Mateus Arcanjo da Silva.*

77

**Lembrete: bloco
de notas***Maria Eduarda Fiorini*

79

**O Clamor da Terra
Seca: Resistência em
Jaguapiru e Bororo***Claudia Camili Molinari Cabreira*

81

Memórias*Ana Maria Francisca de Souza*



Apresentação

A Coleção Comemorativa aos 20 anos da UFGD traz a terceira edição da coletânea de textos de estudantes de graduação.

A primeira edição foi lançada no aniversário de 10 anos da Editora, em 2018 foi lançada uma segunda edição.

É muito importante que estudantes exercitem a escrita (e a leitura) de forma mais fluida e criativa, como uma preparação a outras escritas, ou mesmo uma expressão de suas vivências e construções subjetivas.

Incentivamos a leitura e a escrita das pessoas que estudam na UFGD, sempre.

Marise Massen Frainer
Coordenadora Editorial



CRÔNICAS



AUTORRETRATO

Victória Lima Santos de Almeida

No princípio, o vazio.

Branquescência silenciosa, sem forma.

O pincel em suas mãos mergulha de ímpeto no pigmento ocre, absoluto, em contraste com o godê recém-desembalado.

Ela começa separando a luz das sombras, blocagem de formas ainda incertas. Logo, o solvente se assoma ao godê e mistura-se ao ocre. Tons cada vez mais claros se assomam às formas. A profundidade, assim, se fez.

Depois, uma miríade de cores se junta ao ocre e ao solvente sobre o godê: ciano, magenta, cádmio, preto, branco... elas brilham e se fundem umas com as outras, criando diversos matizes: pêssego, terracota, pistache...



À medida que a pintora deposita as cores na tela, suas próprias mãos, roupas, sua cômoda, o reflexo no espelho à sua espreita, a colcha de retalhos sobre sua cama e o lusco-fusco em sua janela também ganham cores.

Pincelada a pincelada, ela avança dos tons mais escuros aos médios. Lá fora, o grave degradê azul, caudado por uma luminosidade roxo-avermelhada, se transforma. Uma linha quente e brilhante surge no horizonte. E cresce. Cresce. Despeja-se nas mãos da pintora.

No quadro, os pontos de iluminação fazem o retrato saltar do plano. Mais algumas camadas e o solvente diluiria pintura e realidade.

Após dar à luz às cores finais de sua obra no godê, a pintora faz uma pequena pausa. Afasta a banquetta para ganhar distância, embebedada



um pedaço de tecido em solvente e limpa as mãos, ao mesmo tempo que espreita cada detalhe de seu trabalho. *E viu que era bom.*

Ela, então, volta a se aproximar do quadro. Com o pincel, recolhe do godê uma pequena porção de pigmento claro, com fundo avermelhado. Quando está prestes a depositar no quadro, se depara com ponto de incoerência. Uma pequena mancha cobalto surge na testa de seu retrato.

Estática, a pintora observa a mancha por tanto tempo que passa a enxergar seus contornos incertos mesmo de olhos fechados. Contudo, ela afasta o abalo por um momento, recria a cor tomada pela mancha e cobre-a.

De repente, tudo retorna a seu devido lugar. Ela volta a sentir o hálito da vida borbulhando e a musicalidade do mundo lá fora, ainda



inabitado. Seus pulmões se enchem de ar, que logo é soprado de volta, inundando o quarto com um vapor cálido e ebóreo.

Volta seus olhos ao quadro. Lá está a mancha de novo, muito pior do que antes. Suas bordas indefinidas beiram a sobancelha do retrato. Um contrassenso!

Num acesso, de ímpeto, ela derrama mais cores no godê e mistura-as. Impõe a ordenação pêssego ao cobalto. Contudo, quanto mais a pintora se rebelava contra a aberração, mais o matiz invasor se instalava e se espalhava pela tela.

Quando a mancha já havia devorado setenta por cento do retrato, pela janela a pintora viu que o sol se convertera em cobalto. Tudo era cobalto ao seu redor, incluindo ela mesma. Ela deixava a angústia engoli-la, parte por parte, membro por membro.



Enquanto sua pintura é devorada,
seu corpo aos poucos deixa também
de existir. A pintora torna-se amorfa,
uma reles consciência gravitando no
vazio. Não havia mais retrato, tela, es-
pelho, cama, janela, quarto.

No princípio, o vazio.

O vazio.

Vazio.



CICATRIZES DE OUTONO

*Joana D'arc Santana
Cardoso Aroca Galves*

Rondonópolis, 25 de março de 2016. O sol mal começava a iluminar as ruas da cidade, e Maria, uma jovem enfermeira residente, preparava-se para um dia que prometia ser como qualquer outro. O aroma do café fresco preenchia a sala, enquanto conversas sobre o que seria o dia e as rotinas do hospital ecoavam entre colegas. Porém, em um instante, tudo mudou.

A chamada urgente para o Centro Cirúrgico a fez deixar o conforto do café da manhã e mergulhar em uma



realidade que até então lhe era estranha e assustadora. Ao atravessar os corredores brancos e frios do hospital, a expectativa de um aprendizado transformou-se rapidamente em um nó na garganta.

Chegando lá e dadas as sucintas apresentações, apressadamente dirigiu-se a uma sala operatória para auxiliar na circulação de sala. Observou atentamente o ambiente, o instrumental disposto nas mesas auxiliares, a paciente – assustada – já posicionada na mesa operatória, os equipamentos milimetricamente distribuídos no ambiente, enquanto os profissionais agilmente seguiam o protocolo. Teve um déjà vú.

Quis se informar sobre o procedimento a ser realizado, saber os detalhes técnicos, a história clínica, prognóstico..., mas teve medo. Engoliu seco.



Procedimento que segue, Maria auxiliava prontamente no que era pedido, cuidava do documental e da parte técnica, mas não conseguia tocar naquele pequeno corpo idoso e sofrido sendo manipulado sob campos e técnicas e bisturis e serras e dor. Sentiu-se arder e enjoar.

A todo momento, encostava-se na parede à beira da mesa e esperava os comandos da equipe. Mantinha-se petrificada, uma rocha, quase uma parte do mobiliário.

“- Enfermeira, calce luvas estéreis, entre em campo para estabilizar o membro enquanto serro”. Caminhou quase sem forças para se paramentar, enquanto concentrava toda sua vitalidade em não tombar. Segurou-se.

Entre questionamentos sobre seu bem-estar pela face pálida e mãos tremulas, Maria fez que não com a



cabeça e prosseguiu. Ao iniciar a travessia pela sala carregando um membro amputado, por um momento a enfermeira não estava mais presente. Sentiu-se diminuir uns 40 centímetros e perder 10 anos de idade, ao passo que longas tranças desciam pela touca cirúrgica e ouvia uma voz que dizia “- filha, você vai viver”.

Com o maxilar travado e de volta à sala, a enfermeira Maria, sentia que sua prótese mecânica, de sua perna direita, havia perdido a estabilidade. Não conseguia se mover direito. Havia em suas mãos vacilantes uma perna direita. Então... olhava “praquela” mulher, se via. Olhava “praquele” membro, se via. Olhava ao redor e sabia que precisava conseguir. Conseguiu.

Quando alguma voz saiu de dentro dela, Maria questionou o cirurgião sobre o futuro daquela senhora e ele



disse sem rodeios: “- É uma idosa com várias comorbidades descompensadas, não esperamos muito. Tiramos o foco de infecção e é só isso por enquanto. Não temos muita esperança”.

Maria esperava, com todas as suas forças, com tudo, por tudo e apesar de tudo, poder dizer “- a senhora vai viver”. Sentiu um soco no estômago.

Após breve recuperação anestésica, enquanto conduzia a maca pelo centro cirúrgico, passando em frente a sala de recepção de recém-nascidos, para transferir a paciente para a UTI coronária, surpreendeu-se com a fala da senhora:

“- Fia, é um bebê chorando?”

“- É sim.”

“- Pois é né, fia. Uns nascendo e outros morrendo aos poucos”.

Enquanto transferia a maca, tudo que Maria pôde responder foi:



“-Todo mundo morre um pouco todo dia, dona Francisca. Sinto muito. Sinto muito”.



CORPOS OCOS

Andressa Maria de Oliveira Queiroz

O vento gélido balançava as folhas das árvores que sombreavam as pacatas ruas de Cedro Branco. A manhã acabava de nascer e Belmiro fazia sua caminhada matinal em busca do pão quentinho de Dona Cecília. Caminhava devagar, respirando o frescor do ar e ouvindo a sinfonia dos pássaros.

– Bom dia, Belmiro! – Belmiro olhou em direção à voz, mas não pôde reconhecer a pessoa sentada na calçada e que lhe olhava com um sorriso.

Quem era esse homem? Continuou a caminhada. Belmiro conhecia todos os habitantes de Cedro Branco,



era um dos habitantes mais antigos dali, seus muitos anos de vida vieram acompanhados de muitos amigos. Ainda assim, não conhecia aquele senhor que o cumprimentara.

A casa, na frente da qual o estranho estava sentado, era de Rita. Conhecia-a da escola, estudaram juntos no colegial. Mas Rita morava sozinha, ao menos Belmiro não conseguia se lembrar de alguém que morasse com ela.

Parou na porta da padaria de Cecília para recuperar o fôlego antes de fazer o pedido. Tudo se tornara mais difícil com a idade. O cheiro de pão assado deu-lhe forças novamente, seu estômago roncou.

– Bom dia, Belmiro! – uma estranha saindo com uma sacola de pão lhe sorriu – Belo dia, não é?

Belmiro respondeu com um curto cumprimento, achou que seria o suficiente para que a jovem continuas-



se seu caminho e não enredasse em uma conversa com ele. Não foi.

– Belo dia com as melhorias que a prefeitura está fazendo. Nossa cidade não para de crescer! – o sorriso da estranha não parecia natural, havia algo forçado em sua expressão e na fala.

Belmiro reconheceu a frase da propaganda política que estava passando na rádio local, tinha escutado antes de sair de casa. Não imaginou, no entanto, que alguém teria acreditado naquilo. A cidade não estava recebendo melhorias, nem estava crescendo. Gostava muito de Cedro Branco, mas havia muito tempo que não tinha uma gestão que cuidasse dela como ela merecia.

– Você viu como estão bonitas nossas ruas? – mesmo com a falta de resposta de Belmiro, a estranha continuou a falar. A expressão de confusão deve ter aparecido em seu rosto, pois



a estranha finalmente parou de sorrir. O silêncio ficou constrangedor. Então ela se foi.

– Eu acho que minha memória não é mais a mesma. Não consigo me lembrar dessa moça – Belmiro comentou com Cecília ao se aproximar do balcão.

– Se a sua memória está ruim, a minha deve estar também – Cecília fez uma careta, já pegando uma sacolinha para colocar os pães para Belmiro – ela conversou comigo como se me conhecesse, mas eu não faço ideia de quem ela é.

– Sabe se Rita está com alguém? Vi um senhor sentado na frente da casa dela, me cumprimentou, mas não o reconheci.

– Faz uns dias que não a vejo, não estou sabendo dessa história. Vanice veio ontem aqui e ela saberia,



mas não me falou nada – Cecília colocou a sacola com cinco pães sobre o balcão – mais alguma coisa?

– Uma margarina. Aquela jovem falando aquelas coisas, você achou estranho? – Belmiro sentia um incômodo coçando seu cérebro. Não conseguia deixar de pensar que aquelas pessoas não eram dali e a forma robótica como a moça se comportou deixava tudo mais perturbador.

– Ela ficou falando essas baboseiras para mim também. Mas o mais estranho não foi isso – Cecília colocou uma margarina em uma sacola e deixou sobre o balcão.

– Foi o que? – Belmiro estava intrigado, apoiou os antebraços no balcão para se aproximar de Cecília e ouvi-la melhor.



– Ela não conseguia dizer o que queria. Eu tive que perguntar “você quer pão?” e ela me olhou com aquele sorriso estranho e perguntou “quero?” – Cecília falava baixo, com cuidado para não ser ouvida por ninguém.

– Ela não sabia o que queria?

– Não, eu disse que ela devia levar o pão ou ela não ia sair daqui hoje – Cecília limpou o avental e pegou a máquina de cartão para passar o pagamento de Belmiro.

– Que moça estranha – Belmiro murmurou, ainda mais intrigado. Sabia que passaria o dia pensando nisso.

Pegou suas compras e voltou pelo mesmo caminho, uma caminhada mais rápida que a da ida pois queria chegar logo para tomar seu café com o pão quente. O estranho na frente da casa de Rita não estava mais lá quando Belmiro passou. Percebeu,



no entanto, muitos outros estranhos, a cidade não era mais a mesma que conhecia. Pessoas que andavam como robôs com sorrisos forçados. Chegou a ouvir um deles repetir as palavras da moça da padaria.

Quem eram todos esses estranhos que invadiram sua cidade? Por que eles agiam de forma tão esquisita? Por que repetiam frases que qualquer um que parasse para pensar entenderia que era só pura propaganda exagerada? E por que sorriam tanto?

O sorriso artificial incomodava Belmiro mais que qualquer coisa. Se esses estranhos acreditassem em qualquer coisa que ouvissem era algo que Belmiro podia ignorar, mas não podia ignorar o sorriso afetado.

Sentiu-se aliviado quando chegou em casa e deixou de ver os estranhos. Pode sentir o cheiro do café assim que entrou pelo portão, seu es-



tômago voltou a roncar. A caminhada matinal sempre aumentava seu apetite.

– Lembrou da margarina? – Alda perguntou assim que Belmiro entrou na cozinha. Terminava de passar o café e tinha um guardanapo no ombro.

– Sim, senhora – Belmiro respondeu com um sorriso satisfeito.

– E do leite? – o sorriso de Belmiro sumiu e deu lugar a uma careta – você sempre esquece algo – Alda revirou os olhos, mas sorria, cinquenta anos de casamento não eram mantidos se ela se irritasse com a falta de um leite.

– Vou no mercado mais tarde e aí compro tudo o que falta – Belmiro sugeriu como um pedido de desculpas.

O casal sentou para o café, comiam em silêncio. Podiam ouvir o filho mais novo se arrumar no quarto. Sairia para



o trabalho em meia hora, mas antes tomaria um café da manhã com os pais.

– ... Café Divino, o café que te leva ao céu – ouvia-se no rádio.

Do quarto, um jovem apareceu. Os cabelos molhados, a roupa bem passada e ajustada, carregava uma mochila e um sorriso afetado no rosto. O casal o encarava com espanto.

– Bom dia! Bença! Que fome, quero tomar um café Divino, esse café é o café Divino, não é? – o sorriso forçado não deixava o rosto do jovem, mesmo com a expressão de confusão do casal.

– Na verdade, não gostamos do café Divino, não é tão bom – Alda falou com calma, as palavras pronunciadas com cuidado e pausadamente.

– Como não? Não ouviu? O café divino que te leva ao céu! – o riso era



artificial, as palavras do jovem saiam sem nenhuma emoção. Alda e Belmiro olhavam atônitos para o estranho que sentava à mesa com eles.

– O que faz aqui? – Belmiro perguntou, tentando manter a calma.

– Tomando café da manhã, café ruim e o pão... – o estranho olhou para o pão que segurava e por um momento o sorriso deu lugar a uma carranca – o pão é bom?

Alda e Belmiro trocaram um olhar, com tantos anos de casados podiam ler o pensamento um do outro, se entendiam sem palavras. Deviam dar um jeito de tirar o estranho da casa deles sem o alarmar. Ele realmente perguntava sobre a qualidade do pão?

– O pão é ótimo – Belmiro respondeu e o sorriso voltou ao rosto



do estranho – Mas você deve ir, ou se atrasará para o trabalho.

O estranho soltou o pão e levantou-se.

– Então vou indo para não me atrasar para o trabalho.

O jovem pegou a mochila, deu adeus para Belmiro e Alda e saiu com um passo rígido. Um suspiro alto escapou de Alda. Ela esticou o braço e segurou a mão de Belmiro com força.

– Vamos trancar a porta, ele não pensou em levar a chave extra. Ele não pode voltar aqui. Talvez devemos chamar a polícia. Quem é esse estranho que se comporta como se vivesse aqui? – Alda despejou as palavras rapidamente.

– Você viu como ele agiu? Parece que não tinha um pensamento ali naquela cabeça.



– Ele parecia aéreo mesmo, mas não me importa. Só não quero esse estranho aqui. – Alda se levantou, colocou seu copo na pia, voltou-se para Belmiro e caminhou até a mesa, então voltou para a pia, lavou o copo e por fim voltou para a mesa.

– Eu passei por uma estranha na padaria, ela me cumprimentou como se me conhecesse – Belmiro tinha o cenho franzido e o olhar vago, perdido em pensamentos – ela parecia confusa, ficou falando igual a mulher da propaganda da prefeitura. Cecília disse que não conseguia escolher o que pedir.

– Aquela propaganda é uma baboseira, não entendo como têm coragem de mentir assim – Alda revirou os olhos, sentou-se e olhou preocupada para o marido – Acha que devemos chamar a polícia?



– Só se ele causar problemas a noite. Não acho que vai.

Os dois continuaram sentados na mesa do café por mais tempo do que o de costume. Pensavam sobre os estranhos, seriam eles algo para alguém? De onde vieram e por que agiam como se os conhecessem e por que pareciam robôs repetitivos?

O café esfriou, Belmiro e Alda não encontraram respostas satisfatórias para os desconhecidos. Mas teriam que aceitar o fato de que sua cidade, que conheciam de cor desde que nasceram, estava mudando e talvez não era para melhor.



A ANGÚSTIA ESTÁ POR TODA PARTE...

Ricardo Pinheiro da Silva

No dia de ontem ouvi algo sobre a angústia, achei um sentimento tão complexo. Essa coisa que paralisa a língua, dá um nó na garganta e aperta o peito, tudo ao mesmo tempo. Me lembrei logo de uma amiga, quando me falou sobre sua vontade de desistir da graduação, por sentir-se sem rumo, a esmo, perdida entre os corredores, prédios, ruas e avenidas da cidade universitária.

Sempre ouço o drama com atenção, mas não consigo dar uma resposta de afago. Porque a angústia precisa ser experimentada, masti-



gada, rasgada no dente e cuspidas. Ela não é um sentimento de morte e ressurreição, mas sim um sentimento de resposta e, às vezes, a angústia inexplicável mora na resposta que não quer ser ouvida. Dou-lhe conselhos de amigo, um amigo que brinca de ser psicanalista autodidata, meio sociólogo e filósofo.

[Risos.]

Eu, pessoalmente, acredito que essa sensação de deslocamento esteja relacionada à má-orientação da bússola interna, quando o cérebro não aponta a direção, e o peito toma qualquer rumo. Afinal, Lacan já falava que “a angústia é o único afeto que não mente”. Ela sempre quer nos revelar algo, nos contar um segredo sobre nós mes-



mos. Aqui, esse sentimento tem um gosto de desejo e medo. Desejo de continuar, de sair com um canudo nas mãos e foto vestido de beca sobre a estante da sala, em uma moldura retrô, na casa dos avós. Mas o medo também está no ar, espalhado como as moléculas de oxigênio. Os primeiros dos primeiros passos, enquanto acadêmico, são sempre dados com as pernas tremendo. Como um bebê fortalecendo seus pequenos músculos, tomando coragem, e ansiando por novos horizontes.

A angústia está por toda parte...

Uma mistura de tantos sentimentos juntos, quase como uma overdose de cortisol e adrenalina. Talvez aquela frase sobre “nenhuma experiência ser única” seja



real. Todos nós já vivenciamos o sentimento de angústia em algum momento durante a vida acadêmica. Essa sensação de não pertencimento. Inclusive esse é um dos sentimentos que mais nos faz sentir a esmo. Esse corpo blindado, que impede ser atravessado por esse sentimento tão humano e tão difícil de digerir.

É Início de ano letivo, chegada dos calouros! Essa massa eufórica, que nasce da mistura de fascínio e medo. Curiosos e sedentos por conhecimento. A angústia está espalhada por toda parte, um choro aqui, outro ali. O RU está fervilhando gente, há barulho e rostos bonitos em todas as mesas. Ouço risadas altas, que ecoam de longe, vindas do Centro de Convivência ou da fila, longa e lenta à minha frente, devem ser as novas amizades se



formando. É maio, e os ventos gelados ainda não chegaram.

A angústia está por toda parte...



SAPERE AUDE

Marcos Vinicius Rodrigues

Se as necessidades falassem por si, ouviríamos: pesquisa em universidade pública se preocupa, se envolve com ferida pública.

Dois pesquisadores acabam de chegar numa região desolada pela fome: pessoas, aos cantos das ruas, comem lavagem de porco. Crianças, às esquinas, não se sabe se estão desmaiadas ou mortas. Um dos pesquisadores olha para o outro:

— Estas pessoas realmente sofrem.

O outro abana a cabeça. Antes de responder, arrota o almoço de mais cedo. O bafo de bife e cebola invade



de volta a boca, recordando seu cérebro do prato comido:

— É verdade... por isso, vamos já classificar os tipos de sofrimento e voltar logo para a academia publicar nosso artigo. Se correremos, ainda dá tempo de pegar a chamada daquela revista A4.

O outro se revolta:

— Como você pode ser tão insensível?... Eu jamais publicaria numa revista que não fosse *qualis* A1.



TEM SAFADEZA NA LÍNGUA

Adriano Pacheco dos Santos

Era uma vez, numa terra nem tão distante assim...um lugar chamado Brasil, dois amigos o Substantivo e o Verbo estavam papeando quando o verbo teve uma ideia – Sub! Que tal irmos numa Balada? Tem uma boate chique chamada Vernáculo, tá assim de gatinha, fazendo gesto com a mão.

E foram a dita boate. Ao chegarem, se depararam com uma garota incrível chamada Morfologia e não tiveram dúvidas, foi xaveco, quas quas, azarar, cada um jogando mais charme que o outro. Acontece que a Morfo gostou do Sub e ai deu con-



fusão! O Verbo queria a Morfologia e ficou muito bravo quando ela preferiu o substantivo. Gritaria, discussões... Dizem que saíram na mão e depois que isso aconteceu, a turma do deixa disso chegou e separou os briguentos. Foi assim se dividiu em duas gangues que quase se odiavam: Substantivo, Artigo, Adjetivo, Numeral, Pronome de um lado e do outro lado o Verbo, Advérbio, Preposição, Conjunção, Interjeição.

Uma grande questão apareceu. Eles moravam no mesmo bairro, Jardim Gramática. Quem dominaria esse bairro? Virou uma guerra. Havia brigas todos dias. As pessoas desse lugar se chamavam “Palavras” e resolveram procurar o Juiz Léxico para ver se ele dava um fim naquelas discussões idiotas.

O Léxico que era muito esperto organizou, com ajuda da Fonética e da Semântica, um encontro onde



fizeram um acordo de Paz. Assim dividiram o bairro no meio e cada um ficou de um lado, ninguém se misturava e daria tudo certo .

Quase a Preposição, a Conjunção e a Interjeição, de vez em quando, participava das festinhas do Substantivo. O Verbo sabendo que o pessoal começava a pular a cerca para o lado do Sub chamou o Advérbio e disse o seguinte: - olha estou sabendo que tu anda com outras pessoas, com Adjetivos e até com outros Advérbios. Eu não to nem aí, mas se você me sacanear com o Sub você vai se ver comigo!

Então o Advérbio jurou que nunca se relacionará com o Substantivo.

Você deve estar pensando que dó do Verbo, mas não sintá, o Verbo era o principal amante de uma tal de Sintaxe, só que isso é assunto para outra história.



DAS RAÍZES À UNIVERSIDADE: UMA JORNADA DE PERSEVERANÇA

*Sandra Maria Aparecida
Souza Santos de Matos*

Cheguei a esse mundo em 1º de outubro de 1978, em uma pequena zona rural do Espírito Santo, onde o céu parecia infinito, mas a vida era apertada, limitada pelos horizontes da pobreza. Fui a primogênita de uma família simples, onde o básico era um luxo, e cada dia começava com a esperança de que o amanhã trouxesse algo mais. Meu pai, um homem amargo e sem história clara, vivia entre goles e tropeços, enquan-



to minha mãe, uma mulher negra e analfabeta, buscava na terra seu sustento.

A vida era árdua e a cidade de Lúna, onde nos mudamos, parecia grande demais para nós. Minha mãe arrumou trabalho de doméstica na casa de um casal de funcionários no Banco do Brasil, e com isso, passei a ver o mundo de um jeito novo. Era como um vislumbre do que poderia ser a vida, mas só nas horas em que os donos da casa estava por perto.

Quando eles partiam e os sobrinhos chegavam, o ambiente mudava. Pequenas crueldades, tapas disfarçados de brincadeira, como se eu, uma menina parda marcada pela vida, fosse o alvo perfeito para aquele desprezo. Minha existência, cheia de ausências, parecia despertar neles uma satisfação perversa em reafirmar minha fragilidade. Ten-



tava entender a diferença entre mim e eles, e o motivo de minha mãe descontar sua raiva em mim, como se minha identidade fosse a causa de tudo. Mesmo assim, uma voz dentro de mim me dizia que estudar poderia ser minha única saída — uma porta estreita, mas que, ao menos, prometia algo além da dor.

Aos seis anos, a vizinha convenceu minha mãe a me colocar na escola, dizendo que, pelo menos, eu teria algo para comer por lá. Aquilo acendeu uma felicidade que parecia maior que eu mesma, como se uma porta mágica tivesse se aberto. Minha primeira escola ficava nos fundos de uma igreja, e só de caminhar até lá, sentia que estava espiando uma vida diferente, talvez até melhor. Imaginei que finalmente teria amigos, crianças para brincar, longe



das maldades de pessoas que pareciam se divertir às minhas custas.

Nem toda alegria dura para sempre. Um dia, voltando da escola, encontrei a tristeza à minha espera em casa. Minha mãe havia sido levada ao hospital. Ela estava grávida e, dias antes, havia me contado, com um brilho nos olhos, que eu teria um irmão ou irmã. Mas agora, o silêncio dizia mais do que palavras poderiam. O bebê não viria mais.

Quando ela voltou do hospital pela primeira vez, percebi algo que nunca havia visto: minha mãe chorando. No meu desespero infantil, quis consolá-la como sabia. Disse que bastava comprar um telefone, e um dia alguém ligaria para nos dizer que havia um bebê esperando por nós. Ela me olhou com uma tristeza que eu não podia compreender.



Para ela, não havia telefonemas mágicos, nem milagres inesperados, só a dura realidade, onde até sonhar parecia um luxo inalcançável.

Depois disso, a separação dos meus pais tornou-se inevitável, e minha solidão crescia a cada dia, assim como as dificuldades que minha mãe enfrentava. Era como se o mundo ao nosso redor tivesse perdido um pouco da cor, deixando apenas tons de luta e resistência.

A vida para mim sempre foi um vai e vem inquieto, como ondas que me empurravam sem trégua. Entre mudanças e trabalhos, a infância parecia um sonho interrompido, algo que mal tive tempo de viver. Aos sete anos, a escola deixou de ser o meu lugar. No seu lugar, veio a responsabilidade de cuidar da filha da minha madrinha; uma tarefa que parecia



grande demais para mãos tão pequenas como as minhas.

Ainda me lembro do dia em que soube que minha madrinha estava grávida novamente, fazendo minha rotina mudar outra vez. Saí da escola mais uma vez e fui levada ao Rio de Janeiro, onde minha mãe foi ajudar no puerpério do segundo filho da madrinha. Lá, a vida corria em um ritmo acelerado, cheio de tarefas e lições rápidas lançadas por adultos apressados. Mas eu agarrava cada oportunidade de aprender, absorvendo tudo como se fossem tesouros preciosos. Cada conta ensinada, cada palavra explicada, era, para mim, uma chance de não deixar meus sonhos se apagarem.

No meio daquela correria, algo me chamava atenção: o jeito como meu padrinho cuidava dos filhos. Havia um carinho ali que me fazia sonhar



com algo que eu nunca tivera. Será que algum dia eu teria uma família assim? Esse pensamento era o que me fazia seguir em frente, porque, do meu pai, as notícias eram raras e distantes, como um eco que já começava a se perder na memória.

Mesmo em meio às dificuldades, descobri pequenos momentos de ternura. Foram esses fragmentos, misturados às rápidas lições escolares e ao desejo de sonhar, que me mantiveram de pé. Eu era apenas uma criança, mas carregava a força de quem já sabia que a vida, por mais dura que fosse, também guardava espaço para esperanças delicadas e sonhos persistentes.

De volta ao Espírito Santo, com apenas oito anos, algo surpreendente aconteceu: fui aprovada no teste para ingressar na segunda série. Cada etapa escolar foi uma



batalha, enfrentada com coragem, mesmo sabendo que a vida adulta chegaria muito antes do esperado. Desde cedo, aprendi a trabalhar para conquistar o que precisava. Juntava trocados para comprar material escolar e, com determinação, quando cheguei na sexta série, fui ao Juizado de Menores buscar autorização para estudar à noite no supletivo. Meu mundo se dividia entre trabalho e estudo, mas com o apoio da minha mãe, cheguei ao oitavo ano, persistindo apesar das dificuldades.

Ela sempre dizia para eu aproveitar aquela chance, me encher de livros e sonhos, e estudar para ser alguém que não precisasse sofrer tanto quanto ela. Suas palavras, simples e certas, ficaram gravadas em mim como um combustível que me impulsionava nos dias mais pesados. A cada página virada, a cada novo conhecimento



que eu conquistava, eu sentia que estava mais próxima de um futuro em que o sofrimento não seria mais meu companheiro diário. No fundo, tudo o que eu queria era ser alguém capaz de mudar a história que o destino parecia ter traçado para mim, dessa forma aos quinze anos parei de estudar para buscar na vida conjugal uma nova realização.

O casamento desmoronou, deixando um vazio difícil de preencher. Logo depois, a morte da minha mãe me abateu de uma forma ainda mais profunda, mergulhando-me em um luto que parecia não ter fim. Nesse turbilhão de perdas, algo inesperado começou a nascer: a consciência de que, apesar da dor, havia algo que poderia me reerguer. O que restou do casamento foram duas filhas maravilhosas, que, mesmo rodeadas pela tristeza, me lembra-



vam de que eu ainda tinha muito a oferecer a elas.

Foi nesse momento de luto e reconstrução que tomei a decisão de voltar a estudar. Embora minha mãe já não estivesse mais fisicamente comigo, ela sempre foi a maior fonte de força em minha vida. Lembro-me de suas palavras, repetidas ao longo dos anos, dizendo que a educação seria o caminho para um futuro diferente. Agora, eu entendia, com clareza, o peso dessas palavras. Percebi que, para construir um futuro melhor para mim e para minhas filhas, a educação seria minha principal aliada.

A separação, o luto e a esperança se entrelaçaram em um processo de transformação. Cada pedaço de dor se tornou uma lição de resiliência, e cada passo dado em direção ao conhecimento se transformou em um



ato de resistência e renascimento. A morte de minha mãe e o fim do meu primeiro casamento me ensinaram que, mesmo nas maiores perdas, é possível encontrar forças para seguir em frente e reconstruir a vida, com a educação como guia.

Trabalhando pela manhã e estudando à noite, finalmente concluí o ensino médio. No entanto, as portas de um curso superior pareciam distantes, e a ideia de entrar na universidade parecia um sonho que pertencia a outros. Mas, mesmo diante da distância, algo dentro de mim dizia que a batalha ainda não estava perdida, e novamente parei de estudar

Com o apoio das minhas filhas e o incentivo do meu segundo marido, consegui, anos depois, ingressar no curso de Farmácia na UFES pelo ENEM. Durante a pandemia, as aulas remotas me deram a chance de



recomeçar. No entanto, o retorno às aulas presenciais trouxe desafios: o peso de cuidar da minha filha caçula e o fim de mais um casamento me levaram a trancar o curso. Apesar disso, sabia que minha mãe reprovaria essa escolha. Enquanto eu enfrentava essa pausa, minhas duas filhas mais velhas já estavam realizando seus objetivos como alunas da UFGD, em Dourados.

Em meio ao caos, surgiu a chance de uma transferência voluntária, um convite inesperado para mudar de rumo. Foi aí que a UFGD entrou ainda mais fundo na minha história, não apenas como uma universidade federal de excelência, mas como um portal para a transformação. Psicologia, o curso dos meus sonhos, finalmente parecia ao meu alcance. Era como se a UFGD me chamasse,



oferecendo a oportunidade de trilhar o caminho para o qual a vida inteira havia me preparado.

Em abril de 2024, desembarquei em Dourados. Cheguei em meio a uma greve dos técnicos administrativos, mas a acolhida da universidade foi imediata. Um lugar, com ambiente receptivo e pessoas empáticas, que me receberam de braços abertos.

Na UFGD, encontrei um espaço seguro para continuar minha jornada de reinvenção. A universidade não é apenas um lugar de aprendizado, mas uma extensão de mim, onde vejo meu crescimento e entendo que somos aquilo que pensamos, sonhamos e, principalmente, trabalhamos para realizar. Em uma instituição dedicada à transformação por meio do ensino, pesquisa e extensão, busco me tornar uma profissional capaz



de promover desenvolvimento sustentável, democracia e justiça social. O desejo de minha mãe de me ver diferente se concretiza na minha trajetória, e com o apoio da educação, encontro finalmente o caminho para construir um futuro mais justo, tanto para mim quanto para o mundo que me cerca.



O TELEFONE DA FALE

Isaque Pereira Silva

Na parede, inócuo, vejo ele encostado e petrificado. Preso como Prometeu à sua punição divina e imparável; quem dera fosse abutre faminto. É, em realidade, a mais perniciosa das pestes: o esquecimento. Era antes celebrado! Louvado! Sinal de segurança e estrutura. Causava gratidão aos que necessitavam de seus serviços. E não eram poucos! Hoje? Encarde cabisbaixo sem ser notado por uma única alma viva.

Lá fica e observa os discentes em seu movimento corriqueiro acompanhando a vivacidade dos eventos especiais. Se carecem de avisar alguém,



nem o olham: puxam logo o nêmesis do bolso e põem-se ao papo rápido e esquecível, quase fático; e isso porque muitos nem e sequer dão-se ao trabalho de ligar para os entes queridos, mera mensagem já basta. É verdadeiramente enfurecedor. Imagine só! Onde está a importância? O trabalho? Pegar fila e, pelo esforço, ter de falar mais de dois minutos com a mamãe, no mínimo.

Não... é ultrapassado, com seu fio envolto em metal e suas teclas já oxidadas. Um mostrador paleozoico. Entrada para cartão! Teu nêmesis venceu por unanimidade, Telefone Fixo. Que te desamarrem daí um dia e que te joguem no latão mais próximo. O tempo passa e meu transporte se aproxima. Gastar mais um segundo de tédio contemplando-lhe é imprudente e



cansativo demais, especialmente em uma noite de final de semestre. Vou-me embora daqui e repousarei a minha mente.

Falhei. Assim que lhe dei as costas, tive tudo menos repouso. O ônibus que atrasara me confinou na UFGD e, provavelmente pelo espírito da *alma mater*, não consegui fugir da reflexão que estes paus-ferro me trazem. Madeira de instrumento... entalhada por enamorados que não sabem o que fazem: a madeira descama e renova-se apagando as marcas que o tempo deixa. Marque-a o mais fundo possível e diga que seu amor é perene, minta para si e para seu cônjuge que durará infinitamente e eu terei o prazer de te dizer que perene é o pau-ferro. É ele quem perpassará o tempo humano, onde tudo é efêmero ante



o mármore de seu tronco. Isto se não encontrar um desalmado que o corte.

Que arrogância a nossa de marcar nossas iniciais dentro de um coração. Quanta inveja quando nos impomos à vontade de Deus e interrompemos as suas criações em prol das nossas. A gula de construir e se engrandecer perante uma parede de tijolos ou celebrar um prédio de reitoria cuja a espera do término perdurava há um bom tempo. Iniciais no pau-ferro... que patético.

Enquanto ando por entre os blocos e observo suas decorações, suas supostas identidades, vejo apenas coisas à beira da obsolescência, especialmente nossas ideologias e ciência. A própria UFGD é uma dessas coisas. Abaixo da cobertura azul que protege as calçadas, minhas mãos no bolso se



apertam com a consciência da passagem do tempo. Não há nada mais humilhante que isso. Meus olhos viverão pouco e apenas um intervalo diminuto de sua vida útil será dedicada em ver e observar a universidade. E caso queira o destino que eu volte a andar ao redor da biblioteca e que me sinta pequeno tentando olhar para a cúpula, serei diferente. Esta época, este ano, esta estação e este dia acabarão. E com eles eu mesmo. Já não me lembrarei dos jogos de pebolim com os amigos, nem mesmo brigarei por um taco de sinuca. Meu paladar se renovará e o espaço vazio entre o Bloco C e o Centro de Convivências será preenchido por mais trambolhos concebidos por nosso egocentrismo já natimortos. A novidade se esvai rapidamente e o que enche os olhos logo se torna ordiná-



rio, e o ordinário obsoleto, e o obsoleto descarte. Mas que posso ter eu, nesse mundo onde tudo é pó, senão minha própria memória passageira. E se tudo é pó, em verdade sou eu apenas mais uma partícula que também há de findar.

É triste? Eu não sei, mas me entristece. Por mais que tente negar, eu amo a universidade como amo todos os lugares que conheço. Enquanto durar minha lembrança, dura meu amor. E durando meu amor, o rompimento iminente me faz anteceder suas dores. A saudade prevista é adiantada com o aroma da grama molhada, o orgulho dos paus-ferro que riem de nossa condição e o Telefone cansado. Não quero perdê-la, muito menos perder a oportunidade de agradecer pelas experiências possibilitadas por ela.



Me faltam dois anos e já sinto a partida; impotente, não há nada que eu possa fazer além de me recostar imóvel em alguma parede e observar as sementes castanhas caírem sobre o cimento hexagonal.

Bato novamente meus pés no tapete da FALE e ele me salta aos olhos. Fico a rodear um pouco, solitário. Como carnicheiro dou o bote: chego perto e penso alto “te acho tão triste”. Mas até os abutres morrem e serei eu vítima do meu próprio nêmesis: a natureza do tempo em varrer tudo que foge da naturalidade.

Compadeço de meu companheiro e, humilhado, deixo cair a máscara vitruviana, desacorrentando do fundo do peito um sussurro ao microfone:

- Não quero que te tirem daqui.

E tal qual criança, olho ao redor da FALE à espera de piedade, como



quem vê pela última vez um lugar. E mesmo que amanhã no mesmo horário eu venha aqui novamente, terá realmente sido a última vez, pois descamo com as marcas que o ar que corre por estes corredores entalham em mim. É minha hora de morrer. UFGD, te espero do outro lado.

Rumo ao ponto, decido uma última olhada. Viro para trás e jovens gravam um vídeo com meu amigo Telefone. O resgate da nostalgia torna estético o leito de morte. Abro um sorriso velado, enrugo a testa e sigo meu caminho. Meu ônibus chegou.



REESCREVENDO O FUTURO: A JORNADA DE CAUÃ

Clevertton do Carmo Arruda

Cauã nasceu em uma grande metrópole, onde o concreto dos arranha-céus cortava o céu e o asfalto queimava sob o peso das multidões. Ele era filho de uma cidade marcada pela desigualdade, onde as ruas ecoavam as lutas diárias de uma população esquecida. Vivia à margem, onde a pobreza era um destino quase inevitável. Mas, como muitos que crescem à sombra da exclusão, Cauã nutria uma chama que nunca se apagou: o desejo de conquistar o



mundo, ou pelo menos entender as regras não ditas que regem o poder.

Esse impulso, combinado com uma determinação inquebrantável, levou-o a atravessar o país, para longe da casa e da vida conhecida. O Pantanal, em Dourados, foi o cenário de sua reinvenção. Na Universidade Federal da Grande Dourados, não encontrou apenas um lugar para estudar, mas um espaço para refazer sua história. Ali, ele aprendeu que a verdadeira educação não está apenas nos livros, mas na experiência de viver e pensar o mundo com profundidade.

Foi na universidade que ele começou a dar forma às ideias que antes pareciam distantes e irreais. A primeira ação foi uma exposição fotográfica sobre a ausência de negros nas academias de Ensino Superior. Ele, que havia vivido à margem, agora estava



no centro de uma discussão importante, trazendo à tona questões de representatividade e de luta. O reconhecimento veio rápido, e, com ele, uma aparição na televisão. Mas logo a pandemia chegou, trazendo com ela uma onda de incertezas. Muitos dos projetos que ele idealizou foram interrompidos, e o ritmo frenético de suas conquistas deu lugar ao vazio da quarentena. As ideias brilhantes que surgiam em sua mente foram postas em espera, assim como a promessa de um futuro incerto.

O isolamento imposto pela pandemia foi um teste de resistência para Cauã. Estava a mais de mil quilômetros de casa, e as ruas de sua cidade natal, que antes o alimentavam, agora pareciam distantes. Deitado à noite, ele refletia sobre sua trajetória: “Será que esse era o meu destino?



Ver os sonhos de outros se realizarem enquanto eu, aqui, lutava pela minha sobrevivência?” Essas perguntas o acompanharam por dias, mas ele sabia que sua luta não era em vão. A resposta viria com o tempo.

A pandemia não foi apenas um golpe na vida acadêmica de Cauã; foi um golpe profundo no seu ser. Não havia como ignorar o peso de sua classe social, o peso de sua identidade. Ele se viu, mais uma vez, sendo engolido pelas circunstâncias, sem conseguir se equilibrar entre o que queria para si e o que o mundo lhe impunha. O vínculo com a universidade, antes uma esperança de crescimento, foi interrompido. Cauã trançou sua matrícula, sentindo que não podia continuar naquela jornada sob aquelas condições. O sonho parecia adiado, mas ele sabia que não era o



fim. Apenas uma pausa forçada. Ele ainda tinha algo a aprender, algo a conquistar.

Em 2022, depois de muitas tentativas e frustrações, Cauã recebeu o que considerou um sinal divino: ele deveria voltar. O desejo de retornar à UFGD e retomar sua trajetória acadêmica foi mais forte do que as dúvidas que o assombravam. Sua história ainda estava inacabada, e ele acreditava que a nova oportunidade de recomeço viria com uma força transformadora. A universidade não era apenas um local de aprendizado formal, mas um campo onde ele poderia verdadeiramente reescrever seu destino.

Em 2023, Cauã embarcou novamente no ônibus rumo à Dourados. O coração apertado, a despedida dolorosa, mas a alma carregada de esperança. A realidade que encontrou



ali, na terra dourada, trouxe uma revelação simples, mas profunda: “Tudo tem potencial de mudança.” A mudança, ele entendeu, não começava fora dele, mas dentro de si. Ele percebeu que a competição que tanto o atormentava era uma invenção sua. O único desafio real era o de se reconectar com seu próprio propósito. Agora, com mais clareza, ele se via não como um *outsider*, mas como alguém com uma missão.

Cauã se lançou novamente com renovado vigor, decidido a não deixar a oportunidade passar. Ele voltou a ser protagonista de sua história. Conquistou mais uma aparição na televisão, não por vaidade, mas por uma necessidade interna de ser visto, de visibilizar o invisível. Quando viajou para a Cidade Maravilhosa, se reconectou com uma parte de si



que nem sabia que faltava. Em 2024, as metas se multiplicaram. Se tornou coordenador de um grupo acadêmico, foi peça-chave na organização do maior evento de seu curso e realizou exposições que trouxeram visibilidade ao povo negro e de axé. Já não era mais apenas um estudante; era um criador de espaços, um facilitador de mudanças.

Ao longo dessa jornada, Cauã descobriu que sua força estava na rede de apoio que criou ao seu redor. Pessoas tão incansáveis quanto ele o motivavam, e esse combustível coletivo o impulsionava cada vez mais. Ele sabia que sua trajetória acadêmica estava chegando ao fim, mas esse fim não era um ponto final. Era apenas a conclusão de uma etapa, o fechamento de um ciclo. Em 2025, quando concluir



sua formação, ele saberá que, na verdade, uma nova história começará.

Ele já havia percebido algo importante: a vida não tem finais definitivos. Cada conquista, cada aprendizado, é apenas o começo de algo novo. O céu, que antes parecia distante, agora estava mais perto. Seus objetivos já não eram apenas sonhos vagos, mas realidades concretas, à medida que ele dava um passo após o outro. E ele sabia que, em parte, isso se devia à Universidade que o desafiou a ser mais, a ver além de suas limitações, e a entender que o mundo é grande, mas pode ser transformado, passo a passo, por aqueles que se atrevem a sonhar.

E assim, ele segue. Com a certeza de que, ao olhar para o futuro, o céu não é mais um lugar distante, mas um horizonte ao alcance de suas



mãos. Tudo isso, ele sabe, graças à UFGD, que não só o acolheu, mas lhe deu asas para voar.



POEMAS



ESSA MANIA DE PENSAR

Vinicius Mateus Arcanjo da Silva.

Gosto de pensar como o tempo tem
suas maneiras de agir.

Ao longo dos 20 anos, presenciamos
vidas, conquistas, sonhos e
nacionalidades.

Presenciamos choros, derrotas e
recomeços,

Como ondas que se quebram e
retornam ao mar.

Gosto de pensar como o tempo
trabalha nos pequenos detalhes
Da trama delicada da vida que
vivemos,



Da correria sofrida de alguns e do
sono atrasado de outros,
Do riso vibrante dos que ficaram e da
alegria contagiante dos que chegaram,
Das lágrimas que escorrem, como
chuva de despedida,
E da solidão daquela que desistiu, um
eco no silêncio.

Somos um, porque pensamos,
E juntos, tecemos a tapeçaria do que
somos.



LEMBRETE: BLOCO DE NOTAS

Maria Eduarda Fiorini

Cansaço, cansaço mental
o branco, o nulo
a ausência de cor e a mistura de todas.
a música toca em cinco guias
diferentes
pop, rock, folk, hip-hop e MPB
tela preta
terminal aberto com todos os meus
problemas sendo processados.
a memória está em 100% e sinto o
ambiente esquentar.
olho para aquele computador de
mesa, a luz azul... o cooler girando



rápido... se esforçando tanto para
evitar um colapso

Minha mão sem consciência aperta o
botão azul e a tela se desliga.

O cooler vai parando lentamente...
as luzes se apagam...

Percebo, então, que a sala em que
estou possui janela.

a abro e vejo a floresta, os pássaros...

a brisa entra...

Assim, dou-me conta que sou
muito mais do que apenas uma
CPU resolvendo problemas
computacionais.



O CLAMOR DA TERRA SECA: RESISTÊNCIA EM JAGUAPIRU E BORORO

Claudia Camili Molinari Cabreira

Na terra de Jaguapiru e Bororo, o sol
arde sem cessar,
A água que é vida, já não vem para cá.
As crianças têm sede, a esperança se vai,
Na poeira da aldeia, o silêncio é um aí.

Ouve-se um clamor, um pedido de
socorro,
De um povo esquecido e ignorado.
Água é vida, mas há anos tem sido negada.



A terra seca grita, clamando por justiça
esperada.

Unimos as forças, decidimos lutar,
Fechamos a estrada, fizemos ecoar:
“A água é um direito, não se pode negar!”
Mas a resposta foi dura, vieram nos calar.

A fumaça subiu, o gás fez chorar,
Nos olhos vermelhos, o fogo a queimar.
Mas a alma, essa não podem deter,
Por nossos direitos, vamos sempre lutar.

Jaguapiru e Bororo resistem, com força
e clamor,
A luta é de todos, por justiça e amor.
Que a água volte às fontes, que a vida
floresça,
E a voz de um povo jamais se esqueça.



MEMÓRIAS

Ana Maria Francisca de Souza

De minhas memórias quero contar
Da realidade alegre e dura a me
espreitar
Apreensiva e tihosa, como sempre
Em busca de uma formação que me
represente.

Saio às pressas, deixando tudo
Em busca de estudar!
Na bagagem, trago sonhos
Que na LEDUC vou realizar.

De Paranaíba a Campo Grande
Aos prantos à soluçar.
Mas ao chegar em Dourados
A alegria contagia



E os amigos vou reencontrar.
Os abraços são apertados
Bate-papo e fofoca a rolar
Mas não sabemos o que nos espera
E o importante é as aulas da etapa
começar!

A correria é desde sempre,
Trabalhos, seminários e provas a nos
testar
Mas o que mesmo nos importa
São os laços de amizade que a UFGD
nos traz!

No vaivém dos estudos, sempre atenta
e vigilante
Me deparo com pessoas, admiráveis e
brilhantes
A exaustão deixo para traz, só
lembranças contagiantes
Assim vou colecionando memórias na
bagagem de uma estudante!.



UF
GL20
ANOS

UF
FD
editora

